

**MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 155p. ISBN 9788575264805**

**Marcos José Diniz Silva\***

O recente lançamento de *História & Religião*, do historiador Sérgio da Mata, além de enriquecer a já respeitada *Coleção História & ... Reflexões*, traz uma contribuição valiosa ao estudo histórico das religiões em suas múltiplas possibilidades, dos métodos aos enfoques temáticos, dos conceitos aos novos objetos.

A originalidade e a oportunidade da obra vêm suprir a carência de trabalhos mais densos na vertente teórico-metodológica sobre a religião como objeto de estudo do historiador, no Brasil. Temática, aliás, muito valorizada nas áreas antropológica e sociológica, a ponto de o fenômeno religioso ter se constituído matéria-prima básica das reflexões dos pais fundadores da sociologia. Já na história temos tido dificuldade em pensar teoricamente esse campo de estudos, embora seja significativa a produção histórica brasileira de caráter quase eclesiástico e monoliticamente centrado numa vertente cristã. Isso talvez se explique, em parte, em função de nossa formação cultural engessada no monopólio oficial contra-reformista católico; doutro lado, pela persistência de certo preconceito acadêmico – em parte marxista – dos historiadores com os estudos religiosos, mesmo não confessionais. Apesar de que, como afirma Mata “Todo aquele que estudar o desenvolvimento da historiografia ocidental se apercebe de que um dos seus campos de testes privilegiados foi e continua sendo a religião – de Eusébio a Chladenius, de Ranke a Weber, de Febvre a Ginzburg”. (p.143)

Introdutoriamente, Sérgio da Mata insere o leitor na complexa realidade das religiões do mundo atual, explorando nossas subjetividades nos quesitos aceitação, negação e curiosidade, sobre o lugar da religião. Reconhece a complexidade do campo religioso contemporâneo, com a vitalidade das religiões “universais”, sistemas religiosos de pequenas comunidades e grupos étnicos, religiosidades leigas, religião civil, dentre outros sistemas de crença. Mas o cerne de sua preocupação é saber se “ainda há espaço para um estudo histórico das religiões numa perspectiva reflexiva e crítica, o que equivale a dizer: teoricamente fundamentado, não confessional e sem

---

\* Professor Adjunto do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC, da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Doutor em Sociologia (UFC). E-mail: [marcosjdiniz@oi.com.br](mailto:marcosjdiniz@oi.com.br)

quaisquer aspirações de natureza proselitista”. (p.18) Reforça o “dever” do autocontrole científico como um dos princípios que norteiam a história das religiões, ou seja, abster-se de construir análises a partir de juízos de valor (ou de fé). Assim, o estatuto científico da história das religiões deve assegurar que a mesma nada deva ter de religiosa.

A partir de então, o autor desenvolve quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Tempo, consciência histórica e religião”, trata da relação entre os historiadores e a religião. Destaca a equivocada visão que considera a religião coisa do passado ou incompatível com a modernidade e, conseqüentemente, certa indiferença pela religião no presente que dificulta a penetração na mentalidade religiosa do passado. Mas o autor acredita na postura metodológica que possibilita *compreender* o crente, à medida que reconhece no fenômeno religioso

uma força capaz de gerar efeitos sociais concretos, de regular com maior ou menor êxito uma conduta de vida, de moldar com maior ou menor sucesso algumas das estruturas de pensamento por meio das quais aprendemos a nos relacionar com o mundo. (p.22)

No segundo momento, “Do eterno retorno à consciência histórica”, Mata demonstra a capilaridade da religião nas muitas esferas da vida, para além da fé, “santidade” ou salvação. De um lado, a força dos mitos configurando dimensões de tempo muitas vezes a-histórico, as categorias estruturantes do pensamento espaço-tempo refletindo-se na relação sagrado/profano, os investimentos simbólicos; de outro lado, o surgimento dos monoteísmos e do Deus histórico, configurando uma concepção linear e universal do tempo. E, finalizando esse primeiro capítulo, o autor discute a tese da “Era axial”, do filósofo Karl Jaspers, segundo a qual, entre 800 a.C e 200 d. C, teria ocorrido uma revolução sem precedentes nos sistemas ético-religiosos das grandes civilizações como China, Índia, Irã, Palestina e Grécia sem que houvesse intercâmbio entre uns e outros. Estruturava-se uma visão histórica das coisas humanas sem implicar na extinção da consciência mítica do tempo.

O segundo capítulo, “A religião como objeto: da história eclesiástica à história das religiões”, é o mais extenso. Nele o autor trata, numa perspectiva cronológica, dos desenvolvimentos da religião como objeto de trabalho do historiador, a partir de Eusébio de Cesaréia (260 - 340) considerado autor do “primeiro grande empreendimento historiográfico voltado para o campo religioso”. (p.35)

Passa pela Idade Média onde se deu certo esvaziamento do estudo do fenômeno religioso em proveito da maior centralidade dos escritos de caráter institucional da

Igreja, onde pontificaram Gregório de Tours e Isidoro de Sevilha. Realça o movimento humanista e a crítica filológica com a redescoberta da tradição clássica e do indivíduo em oposição à “fuga do mundo” do ideal cristão. Para o século XVII, Mata chama a atenção para os estudos bíblicos de caráter filológico tanto no meio católico quanto no protestante, que se colocavam na tênue fronteira entre a crítica filológica e a crítica da religião. Mas não deixa de reconhecer os trabalhos de eruditos como Gottfried Leibniz e Jean Mabillon, “para os quais o uso do método crítico na historiografia viria antes em benefício que em prejuízo do cristianismo”. (p.40)

O século XVIII traria a reflexão sobre a história no interior da Igreja Católica, enquanto a tradição iluminista opunha severamente a religião à idéia racional de Deus. O autor chama a atenção para o trabalho de Gottfried Arnold, com a História Imparcial da Igreja e das Heresias, fruto de vigorosa pesquisa documental, que defendia a tese do declínio da Igreja já a partir da época apostólica, propondo inclusive a reabilitação das heresias. Outro destaque do século XVIII é o estabelecimento da distinção entre história eclesiástica e história universal “profana”, ocorrida pioneiramente nas universidades alemãs, de grande tradição teológica. E é exatamente na Alemanha, fundada nas raízes e metodologias teológicas, que se desenvolve a historiografia acadêmica. Autores como Dilthey, Burckhardt, Herder e Ranke, ou estudaram teologia ou eram pastores. Segundo Mata, esses historiadores “costumavam não recuar diante da palavra Deus”. (p.52)

A seguir destaca, para as décadas finais do século XIX, com a historicização e o pluralismo moderno, o nascimento da história das religiões. Confrontavam-se o materialismo, o ateísmo e o cientificismo com o “obscurantismo da Santa Sé” e o conservadorismo político e social das Igrejas protestantes. É o tempo em que Adolf Von Harnack desenvolve o conceito de “autonomia dos fenômenos religiosos”, de Gottingen e Ritschl. E Max Muller estabelece a distinção entre história eclesiástica/teologia e história das religiões, onde defendia que a cientificidade desta viria necessariamente da aplicação do método comparativo.

Na última parte do capítulo, “A historiografia contemporânea e a história das religiões”, o autor traça os caracteres que distinguem a história das religiões da história eclesiástica e dos estudos bíblicos. Apresenta os contributos da psicologia da religião oferecidos por William James e Wilhelm Wundt; da sociologia de Durkheim e Weber, Troeltsch. Assim como Simmel, na linha fronteira entre filosofia e sociologia da religião. Também se ocupa da tradição folclorística e do legado fenomenológico.

O terceiro capítulo, intitulado “Métodos, perspectivas, problemas”, Sérgio da Mata procura delinear as possibilidades metodológicas no tratamento histórico das religiões, ressaltando o vastíssimo arsenal teórico (conceitual e metodológico) do objeto “religião”, se comparado a outros campos da pesquisa histórica. Trata da variedade de fontes para o estudo histórico da religião. Merece destaque o reconhecimento da religião como uma forma de linguagem. Ou seja, para além da dimensão simbolizante das categorias religiosas, elas guardam a “capacidade de instituir uma causa última para todas as coisas”. (p.74) E essa característica coloca desafios ao historiador, em sua operação hermenêutica, entre o excesso de identificação e o excesso de estranhamento frente ao objeto religião.

Noutra vertente, o autor trabalha a problemática da secularização/modernidade, religião/política, religião/esfera pública como desafios à prática historiográfica. Discute experiências político-religiosas através do mito, da sacralização da política, da religião civil, da religião política... E finaliza o capítulo remetendo à discussão sobre a operacionalidade epistemológica da tese do “retorno do sagrado” (ou do religioso) na contemporaneidade. Tema cativo, sobretudo, na sociologia da religião, mas ainda quase inexplorado no campo historiográfico.

O quarto e último capítulo, denominado “Pequena morfologia histórica da religião”, traz mais de duas dezenas de conceitos e categorias de uso corrente nos estudos de religião, e indispensáveis ao historiador como ferramentas teóricas para enriquecer a narrativa, tais como ascetismo, carisma, rito, teodicéia, sagrado/profano, paganismo/politeísmo... Pois, alerta o autor:

Nenhum historiador, o pesquisador descrente inclusive, está inteiramente liberto das concepções religiosas de sua sociedade e de seu meio sociocultural. Elas tendem a enquadrar nossa apreensão daquilo que numa outra sociedade, ou em épocas passadas, foi ou deveria ter sido “religião”. (p.92)

Na conclusão, o autor põe em destaque a tendência geral dos historiadores em omitirem o lugar da religião na história, privilegiando esferas econômicas, políticas e até culturais sem perceberem os elementos religiosos implícitos. E recomenda: “O historiador não tem que partilhar o mesmo ponto de vista do crente, mas ele deve se esforçar para compreendê-lo, caso queira, de fato, penetrar a mentalidade que guiou nossos antepassados e ainda guia tantos de nossos contemporâneos”. (p.142) Assim, propõe maior acuidade analítica no trato da dimensão social e institucional da religião,

levando-a para além de sua face visível.

Embora enfocando com mais destaque a relação do historiador com a religião, entendida esta no sentido mais duro, institucional ou com o caráter marcante de *Igreja*, deixando a dever alguma menção à questão das religiosidades, de muito valor conceitual nos tempos atuais; a obra *História & Religião*, de Sérgio da Mata, cumpre muito bem o papel de guia introdutório ao estudo histórico do objeto religião, não deixando também de oferecer oportunas indicações teóricas e proveitosas pistas metodológicas ao historiador.

Recebido em: 05/05/2011

Aprovado em: 20/08/2011